

Nair de Teffé e a Imprensa: a construção de Petrópolis como destino turístico na Primeira República

VERA LÚCIA BOGÉA BORGES (UNIRIO)^{1*}

Introdução

Nair de Teffé (1886-1981) foi uma artista brasileira que se destacou como caricaturista, atriz e musicista tendo seus desenhos publicados em importantes revistas ilustradas, como *FonFon* e *O Malho*, no período da Primeira República. Ao acompanhar sua família, ela morou na Europa durante alguns anos, frequentando instituições de ensino destinadas à elite europeia o que lhe proporcionou contato e formação em diversos tipos de artes. A influência da *Belle Époque parisiense* foi importante elemento em sua produção artística, por exemplo, suas caricaturas eram apreciadas pelos traços modernos e por retratarem com humor as personalidades daquele período. Ao retornar para o Brasil, ela tinha o hábito aristocrático de passar as férias de veraneio na cidade de Petrópolis.

Em 1904, o Palácio do Rio Negro – construído por Manuel Gomes de Carvalho, Barão do Rio Negro – tornou-se residência oficial de verão dos Presidentes da República do Brasil. Desta forma, os chefes do Executivo passaram a despachar na serra durante o intenso verão carioca. Gradativamente, com a presença de autoridades circulando pela cidade, Petrópolis passou a erguer a bandeira da memória e da tradição. De fato, a representação simbólica da República teve ali um importante cenário. No início de 1913, o presidente Hermes da Fonseca chegou a Petrópolis vindo da então capital federal no *trem dos maridos* com objetivo de passar uma temporada na cidade procurando superar a tristeza pela recente viuvez em função da morte da sua esposa, Orsina da Fonseca. A programação na cidade, com recepções e passeios a cavalo aproximou-o de Nair de Teffé. Em 8 de dezembro de 1913, eles se casaram no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. A cerimônia recebeu expressiva cobertura dos jornais e revistas da época repercutindo enormemente no Brasil e no exterior sendo considerado um

* Historiadora e Professora Adjunta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Departamento de Turismo e Patrimônio (DETUR). Doutora em História (PPGH/UERJ-2009), autora do livro *A Batalha Eleitoral de 1910: Imprensa e Cultura Política na Primeira República* (Apicuri/FAPERJ, 2011) e organizadora do livro *Vozes do Turismo: incursões interdisciplinares e relatos de experiências* (Multifoco, 2015), líder do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Turismo e Cidades (INTERTUR).

dos maiores acontecimentos sociais na cidade. No ano seguinte, com o término do mandato de Hermes da Fonseca, o casal passou alguns anos na Europa.

De volta ao Brasil, Nair de Teffé vivenciou a Semana de Arte Moderna, organizou eventos teatrais e encenou peças na cidade de Petrópolis. Esta comunicação discute a construção de Petrópolis como destino turístico a partir da articulação de diferentes origens. De um lado, Petrópolis enquanto cenário de veraneio do poder público e das ações de governo que eram amplamente divulgadas pelos periódicos da Primeira República, dando visibilidade nacional e internacional à cidade. De outro lado, as iniciativas individuais como as ações da artista Nair de Teffé e do jornalista João Roberto D'Escragnole – fundador da revista *Verão em Petrópolis*, em 1902 - apresentavam a cidade serrana ao público em geral despertando seu interesse e atraindo para lá novos visitantes.

Petrópolis em tempos de Primeira República

Petrópolis é uma cidade da região serrana do Rio de Janeiro que apresenta em seu passado histórico muito da história do Brasil, somado aos atrativos da natureza local e, ainda, o referencial industrial marcado pela existência de malharias na região. É importante destacar que a região onde se situa a atual cidade de Petrópolis só começou a ser povoada em meados do século XVIII, quando foi variante de caminho que, passando por Pati do Alferes, chegava à região do ouro das Minas Gerais. Esta possibilidade economizou dias de viagem, possibilitou a doação de sesmarias e o estabelecimento de alguns pousos e fazendas nas suas proximidades. Todavia, apenas em 1854, por intermédio do investimento do Barão de Mauá, com a inauguração do primeiro trecho da primeira estrada de ferro do Brasil, ligando o Porto de Mauá à raiz da Serra, o acesso a Petrópolis foi facilitado. A região não oferecia boas condições para a agricultura tropical. As baixas temperaturas de Petrópolis no inverno e o seu relevo muito acidentado, com íngremes blocos montanhosos de granito e gnaisse, inviabilizaram qualquer sonho envolvendo muitos cafezais.

Entretanto, foram essas características naturais, acrescidas da beleza e da fama de salubridade do local que estimularam tanto D. Pedro I quanto D. Pedro II a frequentarem a localidade. No caso de D. Pedro II, ele estava interessado em usufruir de um local saldável e tranquilo para descanso e também apoiava as ideias de estimular a vinda de imigrantes

estrangeiros para o Brasil. A cidade de Petrópolis (Petrus: Pedro + Polis: Cidade) nasceu por um decreto e, gradativamente, foi associando à sua imagem a ideia de cidade imperial com a construção do Palácio Imperial, da Igreja (Catedral de São Pedro de Alcântara) e da povoação com destaque para a presença de colonos alemães que chegaram à região a partir de 1843.

Em 1847, a família imperial inaugurou o hábito de passar os verões, isto é, de novembro a abril, em Petrópolis que passou a ser acompanhado pelas famílias bem situadas, os barões, viscondes e condes da corte e as delegações estrangeiras que passaram a construir belas mansões próximas ao Palácio Imperial. Em pouco tempo a simplicidade local foi sendo dominada pelos gostos da corte. As programações de verão contavam com bailes, saraus, teatros, festas de caridade e conferências. O estabelecimento de hotéis e restaurantes acompanhava a movimentação de Petrópolis. Com a proclamação da República, as ruas e praças locais pareciam querer encobrir o considerado esplendor da cidade imperial. Todavia, em 1894, como desdobramento da Revolta da Armada, Petrópolis passou a ser a capital do estado do Rio de Janeiro no lugar de Niterói que teve sua estabilidade ameaçada pelos confrontos da época. De acordo com a lei estadual nº50, de 30 de janeiro de 1894, a capital do Estado foi transferida para Petrópolis e sua instalação aconteceu 20 de fevereiro daquele ano. A imprensa local recebeu a notícia com entusiasmo como podemos observar no fragmento a seguir:

Aceita como está, pela própria Constituição, a necessidade de transferir a capital de Niterói para outro ponto e provado, como ficou, pelos acontecimentos recentes, o grande perigo de estabelecer-se a sede do governo em uma cidade marítima ao lado de uma grande capital, convinha escolher um local que, reunindo certas condições, de segurança, higiene, bem estar e beleza, oferecesse, ao mesmo tempo, as vantagens de ser um ponto central do Estado e de não demandar grandes sacrifícios pecuniários para poder servir aos fins. Que outra localidade pode disputar à Petrópolis esse conjunto de predicados? Nenhuma, seguramente. A deliberação da assembleia foi, pois, um ato bem pensado e sua benéfica influência sobre os destinos da pátria fluminense cedo se fará sentir com a maior segurança de sua autonomia, condição indispensável para a verdade do regime federativo que adotamos. (Gazeta de Petrópolis, 24/1/1894. p.1).

Um mês depois, ainda no mesmo periódico, a satisfação da nova condição política porque passava Petrópolis parecia receber eufóricas notas como é possível verificar:

Conforme já anunciamos, verificou-se no dia 20 do corrente, na secretaria do Interior, a instalação do governo do estado nesta cidade. A cerimonia foi simples e desacompanhada dos festejos usuais em tais ocasiões. Os tristes sucessos, que neste momento trazem enlutada a alma nacional, impediram que a cidade se vestisse de galas e desse as demonstrações de regozijo de que se acha possuída por ter recebido a grande distinção de ser declarada oficialmente a capital do Estado (...)

O estabelecimento de numerosas fábricas, facilitado pela existência de grandes forças hidráulicas naturais, uma forte corrente de imigrantes, criada pelo funcionamento dessas oficinas de trabalho, a mudança de residência para esta cidade de numerosas famílias atraídas pela amenidade e salubridade do clima, pelo conforto e bem estar que aqui se encontra e pela beleza do local, já fizeram avultar tanto a população-fixa, criando uma vida própria à cidade, que esta já perdeu, há muito tempo, as qualidades de uma pequena estação climática. E esse desenvolvimento não tende a parar. Petrópolis está fatalmente destinada pela natureza a ser um grande centro industrial e o mais importante refúgio dos municípios insalubres que o cercam. (Gazeta de Petrópolis, 24/2/1894. p.1).

Outro período de movimentação modificou a rotina de Petrópolis quando, a partir de 1903, o Palácio Rio Negro passou a pertencer ao Governo Federal transformando-se em residência oficial dos presidentes da República, tendo recebido Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Braz, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luiz, Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Costa e Silva, encerrando-se com este os verões presidenciais em Petrópolis. No governo de Ernesto Geisel, o Palácio passou à guarda do Exército só voltando a hospedar o presidente da República no verão de 1996. A presença presidencial na cidade acabava por provocar a subida a serra de grandes nomes nacionais. No mundo da política, tratados eram assinados e as articulações eram pensadas e os desdobramentos eram notados ao longo dos anos. Neste sentido, vamos apresentar dois exemplos ilustrativos. O primeiro deles foi a finalização do Tratado de Petrópolis, assinado naquela cidade em 17 de novembro de 1903. Segundo este acordo diplomático, os limites entre Brasil e Bolívia e a incorporação definitiva do Acre ao território nacional foi estabelecido. A decisão da anexação territorial ocorreu na cidade serrana do estado do Rio de Janeiro, Petrópolis, no início do século XX e reuniu figuras dos dois governos com destaque para a participação de José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco (Barão do Rio Branco), Ministro das Relações Exteriores e Joaquim Francisco de Assis Brasil, ex-governador do Rio Grande do Sul. Por sua vez, do lado boliviano, estavam presentes o presidente da República Fernando E. Guachalla e o senador Claudio Pinilla.

Muitas críticas foram feitas ao Tratado de Petrópolis e, mesmo assim, o Congresso Nacional aprovou com expressivo resultado e o presidente da República, Rodrigues Alves promoveu a sanção do acordo. Logo a seguir dois decretos foram assinados sendo um referente a abertura de créditos necessários ao pagamento das despesas previstas pelo acordo diplomático e o outro autorizando o presidente da República a administrar provisoriamente o território do Acre que não fazia parte de nenhum estado da Federação.

Já o segundo exemplo ilustrativo refere-se ao casamento do presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca com senhorita Nair de Teffé, realizado em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1913 que se tornou um importante acontecimento social com grande divulgação na imprensa do país. De acordo com a *Tribuna de Petrópolis*:

A cerimônia religiosa foi celebrada pelo Sr. Cardeal D. Joaquim Arcoverde, Arcebispo do Rio de Janeiro, coadjuvado pelos Monsenhores Theodoro Rocha de Macedo da Costa e realizou-se no salão de despachos do Palácio, onde fora armada uma capela, ricamente ornamentada. Foram padrinhos, no civil e religioso, no civil e religioso a Sra Álvaro de Teffé, o senador Pinheiro Machado, o deputado Fonseca Hermes, por parte do noivo e a Sra. Pinheiro Machado e os senhores Álvaro e Oscar Teffé, por parte da noiva. Os noivos receberam os convidados com serviços de “buffet” e “buffette”, fornecidos pela Confeitaria Paschoal, enquanto nos jardins do Palácio faziam-se ouvir as bandas da 55ª de Caçadores e do Corpo de Marinheiros Nacionais. Este foi na realidade o maior acontecimento social ocorrido no Palácio do Rio Negro com repercussão a nível nacional e internacional. (Tribuna de Petrópolis, 9/12/1913. p.1)

Aqui vale uma observação. Na história do Brasil, esta foi a única vez em que um presidente brasileiro se casou durante o exercício do mandato. Em 30 de janeiro de 1912, a Sra. Orsina da Fonseca, esposa de Hermes da Fonseca, faleceu deixando seu marido viúvo aos 57 anos de idade e enquanto ocupava o cargo de presidente da República. No ano seguinte, ele se casou com uma jovem trinta e um anos mais nova, Nair de Teffé, e esta união despertou as mais diversas reações identificando o casamento de *imoral*, de *desvario mental* e de *safadeza* (Rodrigues, 2002. p.35). Independente dos comentários, o casal viveu junto por praticamente dez anos.

A ligação de Hermes da Fonseca era tão forte com a cidade que mesmo após o término de seu mandato, ele continuou a frequentar Petrópolis e ali faleceu em setembro de 1923. As visitas frequentes a serra eram comuns entre os políticos da Primeira República. Seu adversário político na corrida presidencial de 1910, Rui Barbosa a frente da chapa da Campanha Civilista, também faleceu em Petrópolis alguns meses antes, em março de 1923. Certamente, Petrópolis que tanta efervescência demonstrava no verão parecia ser o local escolhido para acolher aqueles que se despediam da vida por conta de problemas de saúde.

A Imprensa e o Cenário de Veraneio

Na Primeira República, a presença constante de políticos em Petrópolis permitiu que as modernidades daqueles tempos fossem percebidas como, por exemplo, a chegada de energia elétrica, a circulação de bondes elétricos e a subida do primeiro automóvel a serra, um

Decauville movido a benzina e nada silencioso. A elite política e intelectual parecia acompanhar com atenção a agitação da localidade com a presença de expressivas personalidades como Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Santos Dumont, Nair de Teffé, Pandiá Calógeras, Henrique Lage, Joaquim Murtinho, Stefan Zweig, Eugênio Gudim e tantas outras. Por sua vez, quando surgia uma epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, muitas famílias com condições financeiras se mudavam de forma temporária para Petrópolis que parecia estar livre desses males por apresentar um clima mais ameno. Assim, o ambiente culto, aristocrático e refinado tomava conta da serra. Durante o verão no início da noite, a estação ferroviária se transformava num local de encontro social na espera pela chegada do *trem dos maridos*, isto é, os maridos que voltavam do trabalho e, também, as novidades que vinham da Capital Federal.

Algumas construções que até a atualidade são referências do patrimônio arquitetônico petropolitano datam da década de 1920. Na administração do presidente Epitácio Pessoa, duas importantes construções foram erguidas, o Batalhão da Infantaria – na época 1º Batalhão de Caçadores que trouxe para a cidade a tropa do Exército – e o prédio dos Correios de arquitetura neoclássica. Por sua vez, em 1928, a estrada asfaltada que ligava Rio a Petrópolis foi inaugurada sendo batizada de Washington Luiz numa homenagem ao presidente do Brasil na época.

As transformações ocorridas em Petrópolis eram devidamente acompanhadas pela imprensa local. O jornal *Gazeta de Petrópolis* circulou a primeira vez em 2 de junho de 1892 sendo a edição pequena, aproximadamente quatro páginas e na metade dela anúncios de hotéis, cafés, fotógrafos, fabricante de joias, agência literária para encomenda nas livrarias da capital dentre outros. Em linhas gerais, pode-se observar a propaganda dos serviços tinha a preocupação em divulgar a qualidade oferecida por preços acessíveis. As referências à Europa sempre estavam presentes inclusive nos nomes dos estabelecimentos como, por exemplo, a Confeitaria Francesa na Avenida Quinze de Novembro. Já a *Tribuna de Petrópolis* fundada em 1902 e que circula até os dias atuais sendo que por ocasião do casamento de Nair de Teffé com Hermes da Fonseca noticiou o acontecimento social com grande destaque. Por sua vez, existia outro periódico, a *Revista Verão em Petrópolis*, fundada em por João Roberto D'Escragnole, e que não tinha regularidade em relação à periodicidade. De maneira geral era uma revista eminentemente literária, com circulação apenas na estação do verão e que

apresentava à cidade ao leitor com dicas de passeios, divulgação de festas e eventos, crítica de teatro e cinema. Além disso, trazia notícias sobre a política do Brasil, destacava a presença de políticos com seus familiares na cidade e, também, a circulação de intelectuais e de artistas que contribuíam para a noção de uma cidade requintada e culta que poderia se aproximar das referências estrangeiras com destaque para as cidades europeias. Os anúncios ocupavam algumas páginas nas edições com destaque para a Cervejaria Bohemia, fundada por volta de 1850 na região, por Henrique Leiden que foi responsável por introduzir a indústria cervejeira no Brasil. Alguns mestres cervejeiros com renome internacional como, por exemplo, Alberto Düringer formado na Suíça, passou a fazer parte da equipe da Cervejaria Bohemia. Na Exposição do Centenário da Independência, em 1922, a Cervejaria Bohemia passou a ser reconhecida como a mais importante fábrica de cerveja do Estado, exportando a bebida para todas as regiões do Brasil com a utilização de ingredientes nacionais e importados para garantir a qualidade do produto (<http://www.bohemia.com.br/linha-do-tempo>).

Na década de 1920, durante o período das férias de veraneio era comum que as famílias e personalidades políticas e intelectuais procurassem locais agradáveis com objetivo de fugir das altas temperaturas tão comuns e cidades como o Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil. O clima ameno da serra juntamente com programações específicas envolvendo a elite era uma alternativa que podia ainda ser associada aos tratamentos de saúde sempre indicados pelos médicos para o repouso e descanso de enfermos. O contraponto à fuga de municípios litorâneos encontrou em Petrópolis um refúgio importante. Para tanto, os hotéis, restaurantes e demais estabelecimentos comerciais deviam servir os visitantes de ocasião atendendo suas demandas. Paralelamente a Petrópolis aristocrática, existia a cidade de imigrantes estrangeiros com destaque para a presença de alemães o que atualmente é possível se identificar pelos nomes dos bairros Bingen, Renânia, Quarteirão Suíço e Morro do Alemão. Junto com o clima serrano da cidade, a presença dos “lourinhos” alemães, as *Catarinas* e os *Guilhermes*, de sotaques inconfundíveis davam a Petrópolis um aspecto europeu e mais um atrativo para os visitantes de temporada.

Desde o início do século XX, a produção industrial petropolitana apresentava importantes estabelecimentos com destaque para a produção têxtil que empregaram trabalhadores que tinham atuação política, desenvolviam suas estratégias de luta e marcados pelo cotidiano como operários para além dos muros das fábricas. Na história de Petrópolis, as

companhias têxteis Dona Isabel e a Cometa se destacaram. Em maio de 1889, a Companhia Dona Isabel foi fundada com capital petropolitano tendo vinculação com os descendentes de colonos alemães e suas instalações produtivas localizavam-se na Rua Teresa conhecido polo vestuário do Brasil em virtude da ampla rede de lojas que estão instaladas ali até a atualidade. (Mesquita, 2012.p.58). Por sua vez, em 1903, o italiano Cavaliere Pareto fundou a Companhia Cometa que chegou a ter mais de trezentos teares a vapor e empregar seis mil operários sendo que muitos vieram da Itália com destaque para a região de Veneto. Estes dois exemplos demonstram que as tensões deveriam marcar as relações entre patrões e operários uma vez que a legislação trabalhista foi uma realidade posterior à Primeira República. Para que os lucros da empresa não fossem prejudicados fazendo com que operariado fosse pouco combativo e estivesse apto ao trabalho, vários serviços eram oferecidos os trabalhadores com destaque para os assuntos médicos. A lógica da concessão que garantia a dominação também avançava para a construção de igrejas, de campos de futebol e da manutenção de bandas de músicas. Essa dominação que procurava afastar as reivindicações contestatórias do mundo do trabalho reforçando a atmosfera de cidade tranquila para Petrópolis que consolidava como cenário de veraneio.

Destino Turístico e a cidade de Petrópolis: algumas conexões com os que fazem história

Durante os séculos XIX e XX, no período do verão, Petrópolis se consolidou como local que recebia visitantes de outras cidades e/ou turistas que procuravam a localidade em busca do clima ameno ou para tratamento de saúde, de convívio social ou, ainda, para apreciar as belezas da serra. Gradativamente, a concentração de instalações e serviços procurou atender essas diferentes demandas de visitantes e/ou turistas. Para muitos, Petrópolis era percebida como frescor de liberdade (Rodrigues, 2002. p.60). Certamente, uma das pessoas que compreendia a cidade desta maneira era Nair de Teffé que passava os meses do verão lá na casa que pertencia à sua família. Naquele período do ano, a programação cultural servia de entretenimento para a elite política e intelectual que frequentava a serra. Nair de Teffé dedicou-se a atividades culturais e teatrais em Petrópolis atuando como atriz, autora e diretora. O escritor Coelho Neto escreveu para ela a peça *Miss Love* que foi encenada com sucesso no Rio de Janeiro e em Petrópolis por Nair de Teffé. Outra peça encenada na serra foi

Longe dos Olhos de autoria de Leopoldo Froes e, a seguir, ela organizou a *Troupe Rian* que montou várias peças de autores brasileiros sempre com objetivo de angariar fundos com fins filantrópicos como, por exemplo, para a construção da Catedral de Petrópolis e beneficiar algumas obras sociais.

Além dessa efervescência cultural, Petrópolis apresenta algumas peculiaridades que merecem destaque. A cidade nasceu do primeiro Plano Regional de Urbanismo do país, segundo as normas modernas de urbanismo do século XIX. Tudo ali foi planejado as margens dos rios foram arborizadas e as varandas das residências estavam voltadas para o correr das águas e não serviam de latrina como era comum em outras cidades na época. As definições de localização determinaram a construção do palácio, da igreja, do cemitério para destacarmos apenas alguns logradouros. As ruas e as praças eram arborizadas tendo calçamento e a existência de calhas dentre outros aspectos também receberam atenção de seus idealizadores.

A cidade aristocrática e suas transformações podem ser sentidas nos estilos arquitetônicos de Petrópolis. No século XIX, a partir da instalação do Palácio Imperial, nas suas proximidades, muitas casas luxuosamente decoradas começaram a surgir demonstrando a preocupação de seus proprietários com a forma requintada que pretendiam passar o verão. As influências europeias podiam ser sentidas nos traços arquitetônicos neoclássicos e ecléticos. A difusão destes últimos por outras partes da cidade acabou identificando Petrópolis com os típicos “*chalezinhos*”. A preservação do Centro Histórico em razoáveis condições – na área delimitada pelas Ruas da Imperatriz, Ipiranga, Koeler e Piabanha – conserva até a atualidade as principais diretrizes de ocupação do espaço estabelecido na época da fundação da cidade com seus aspectos aristocráticos.

Muitos dos atrativos turísticos de Petrópolis na atualidade têm uma referência direta ao período da Primeira República e apresentamos dois exemplos. O primeiro é a *Casa de Rui Barbosa* carinhosamente identificada por seu antigo proprietário como *my sweet home* (meu doce lar). Ali ele escreveu muitos livros – *Introdução ao Código Civil e Oração aos Moços* - e nas folgas da produção intelectual, Rui Barbosa aproveitava para passear pela cidade. A arquitetura da casa é eclética misturando vários estilos tendo destaque para o estilo normando e os detalhes do telhado. Entretanto, também possui varanda em ferro típicas dos primórdios da era industrial. Neste refúgio, em 1923, Rui Barbosa faleceu. Após a sua morte, o Governo adquiriu os bens da casa, incluindo o mobiliário e a biblioteca, assim como ocorreu em

relação ao Palacete da rua São Clemente, sua casa em Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, a residência de Botafogo foi transformada em Museu e local de pesquisa com acervo documental e bibliográfico significativo e a casa de Petrópolis só pode ser visitada externamente.

Identificada por seu construtor e pai da aviação como *Encantada*, a *Casa de Santos Dumont* foi construída em 1918 para ser seu refúgio e local de descanso quando ele regressou da Europa após o término da Primeira Guerra Mundial. Com traços característicos dos chalés, os detalhes e a funcionalidade da casa demonstram a capacidade inventiva de seu idealizador como, por exemplo, a escada que deveria ser subida a partir da utilização do pé direito do visitante. O *Museu Casa de Santos Dumont* conta com acervo de objetos, livros, cartas e mobiliário que pertenceram ao inventor bem como seu criativo chuveiro que pode ser observado no banheiro da residência. No Centro Cultural 14 Bis, anexo à Casa, pode-se assistir a um curta metragem sobre Santos Dumont. Além disso, o espaço tem acessibilidade e maquetes táteis para atender às necessidades das pessoas com deficiências e/ou restrições de mobilidade estando em sintonia com as demandas da atualidade. Situado à frente deste imóvel está o aristocrático prédio que já abrigou o Hotel Bragança e, atualmente, a Universidade Católica de Petrópolis.

Em tempos de Carnaval, os foliões famosos e/ou anônimos também contribuíram para a construção de Petrópolis enquanto destino turístico na década de 1920. Os hotéis da cidade promoviam os *Bailes de Máscaras* frequentados pela elite que condenava os entrudos – brincadeira violenta que acontecia nas ruas com arremesso de objetos – como as batalhas de limões, água, baldes e tinas – que aconteciam em diversas ruas petropolitanas. Gradativamente, as *Batalhas de Flores* atraíam seguidores quando as famílias arremessavam pétalas de flores a partir de carruagens e charretes devidamente ornamentadas para o Carnaval. O trajeto percorrido tinha sua finalização na praça da Liberdade. Outras duas tradições carnavalescas dali eram as *Batalhas de Confete e Lança Perfume* e, também os *Ranchos*, associações que realizavam cortejos de carnaval com a presença de Rei e Rainha ao som das chamadas *marcha-rancho*.

Considerações finais

No período da Primeira República, a cidade do Rio de Janeiro era a capital federal e Petrópolis era considerada a *capital do Brasil no verão*. Os assuntos da política nacional e seus importantes personagens devidamente acompanhados por suas famílias costumavam subir a serra procurando clima com temperaturas mais agradáveis, a beleza geográfica da localidade e, em alguns casos, a atenção para questões da saúde. Ao longo das décadas, Petrópolis ganhou o *status* de lugar da política com assinatura de tratado e casamento presidencial para citarmos apenas dois exemplos. Todavia, a ideia de descanso, de férias e de festividade eram valorizadas diluindo em muitos casos as importantes ações políticas que aconteciam no veraneio petropolitano. A *encantadora* Petrópolis conquistou a fama de capital da moda, da cultura, da política e, principalmente, do flerte (Edmilson, 2002. p.35). A cidade *arreatadora* de Petrópolis - muitas vezes identificada como a *Rainha da Serra* numa referência explícita monarquia que foi o momento de maior esplendor da localidade – fazia um contraponto a *cidade maldita* do Rio de Janeiro. A capital federal era local de proliferação de doenças tropicais, os conflitos populares nas ruas cariocas eram frequentes e a existência da população negra e afrodescendente era uma herança do cais do Valongo, posteriormente rebatizado de Cais da Imperatriz, a área de desembarque e comércio de escravos africanos no século XIX. Ao subir a serra, o visitante parecia deixar para trás o passado de mais três séculos de escravidão tão visível pelas ruas e avenidas cariocas e mergulhar temporariamente na atmosfera petropolitana marcada pelas referências europeias. A presença do imigrante na serra deixou marcas na arquitetura, nos hábitos, na culinária, nas festividades e, também, no tipo físico das pessoas de pele branca e olhos claros que circulavam por Petrópolis. Assim, a sensação de vivenciar as referências europeias agradou totalmente a elite carioca que tinha na educação dos seus filhos e nas programações culturais o exemplo da Europa a ser seguido. Todavia, Petrópolis era muito mais do que os *meses de verão* que eram valorizados pela imprensa e os integrantes da elite política e intelectual que frequentavam a localidade. Há méritos na atuação de Nair de Teffé, Santos Dumont e Rui Barbosa que, cada qual a sua maneira, contribuiu para a divulgação de Petrópolis enquanto destino turístico. Todavia, um véu parecia impedir as pessoas que circulavam pela cidade em perceber suas tensões como, por exemplo, a violência dos festejos populares por ocasião do Carnaval ou as manifestações operárias de questionamento às ações dos patrões. Comumente, os visitantes querem conhecer uma localidade e o cotidiano dali talvez eles não tenham interesse, mas para aqueles que

atuam com o Turismo envolver o residente na construção de um destino turístico é algo fundamental para o sucesso de uma experiência. Além disso, uma cidade não pode depender de uma estação do ano, no caso o verão, para construir sua atratividade e outras potencialidades devem ser desenvolvidas para preencher os demais meses. Independente dessas breves considerações o período da Primeira República ainda é uma referência importante para a história de Petrópolis e o desenvolvimento do Turismo local.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. *A Batalha Eleitoral de 1910: Imprensa e Cultura Política na Primeira República*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Apicuri, 2011.

Cervejaria Bohemia. <http://www.bohemia.com.br/linha-do-tempo>. Acesso em 21/7/2017.

DAIBERT, André Barcelos Damasceno. *História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro, 2010.

Gazeta de Petrópolis. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 16/7/2017

Guia Rio de Janeiro: Cidade e Estado. Rio de Janeiro: Graphos, 1990.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=330390&search=rio-de-janeiro%7Cpetropolis%7Cinphographics:-history&lang=_EN . Acesso em 16/7/2017.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. *A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)*. Juiz de Fora: UFJF, 2012. (Dissertação de Mestrado),

MOURA, Cristina Patriota de. *Tratado de Petrópolis*. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/TRATADO%20DE%20PETR%C3%93POLIS.pdf> Acesso em 15/7/2017.

Museus do Rio. http://www.museusdoriorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=66:casa-de-santos-dumont&Itemid=563 Acesso em 23/7/2017.

Petrópolis. <http://www.aconteceempetropolis.com.br/2013/02/06/aconteceu-em-petropolis-a-belle-epoque-do-carnaval-petropolitano/> Acesso em 23/7/2017.

PINTO, Ana Beatriz de Oliveira; NEUMANN, Sérgio. *Guia de Turismo de Petrópolis – RJ*. s/d.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Caminho Novo – Fazendas de Petrópolis*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro, a.172 (451): abri./jun. 2011. p.291-305.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *Nair de Teffé: vidas cruzadas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SILVA, Ivanete Paschoalotto da; SIMILI, Ivana Guilherme. *Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as mulheres dos séculos XIX e XX*. In: Diálogos & Saberes, Mandaguari, v.7, n1. 2011. p.121-134.

Tribuna de Petrópolis. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em 16/7/2017.

<http://riodejaneirodehontem.blogspot.com.br/2016/01/carnaval-infantil-de-1922-do-tennis.html>

